

acompanhada dia-a-dia; ela só será viva se for motivo constante de preocupação e de atenções redobradas.

Nem todos os diretores tiveram uma atuação brilhante, nesse particular, porque nem todos perceberam que a Biblioteca é esse organismo vivo. Muitos, simplesmente, não a deixaram morrer. O que, afinal de contas, já é muita coisa. Uns marcaram sua presença pelas reformas administrativas, outros se dedicaram mais às publicações; uns, mais criativos, fizeram de sua administração um verdadeiro *happening*, enquanto outros se contentaram em assistir ao desenrolar da sua rotina.

Seja como for, em 1951 foi mais uma vez retomada a publicação do *Boletim Bibliográfico*, parado desde 1945; dos *Documentos Históricos*, que não sofreram solução de continuidade até seu volume 110 (1955), quando cessaram de ser publicados; foram realizadas inúmeras exposições de caráter educativo com material do acervo; foram ampliadas as obras dos laboratórios de microfilmagem e restauração; foi encomendado ao famoso arquiteto Lúcio Costa, em 1954,²⁴ o esboço de um edifício que serviria de anexo à Biblioteca, "nos termos da previsão do Regulamento de 1946" do diretor-geral Borba de Moraes (projeto que foi encaminhado ao Ministério da Educação, que o encaminhou ao DASP e do qual daí em diante não se teve mais notícias); foi remodelada a rede elétrica do edifício, seus terraços foram impermeabilizados contra as infiltrações causadas pelas chuvas, foi modernizado o sistema contra incêndio, compraram-se novas máquinas de ar condicionado e expurgo. Sob a direção-geral do filólogo e medievalista Celso Cunha (16-2-1956 a 27-4-1960) houve um incremento nas atividades culturais: exposições da BN no exterior (Madri, Lisboa, Granada etc.), o Festival do Livro da América, em colaboração com a Universidade do Brasil; colaboração no Simpósio de Filologia Românica, com a Faculdade Nacional de Filosofia, e o I Congresso Brasileiro de Dialectologia, em colaboração com a Universidade do Rio Grande do Sul. Também nesse período foram incorporadas ao acervo obras valiosas, como uma coleção camoniana e a biblioteca do famoso antropólogo Artur Ramos, comprada à sua viúva. Trata-se de um acervo muito grande e valioso, que continua à disposição dos pesquisadores de uma obra ainda não totalmente estudada.